



VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est

Culturas políticas e conflitos sociais



BAR GAY: UMA ANÁLISE DO CASO VITÓRIA A PARTIR DO ROTEIRO TURÍSTICO DE AMYLTON DE ALMEIDA (1980)

Randas Gabriel Aguiar Freitas¹

Resumo: Esse trabalho parte da questão de como alguns espaços de sociabilização são categorizados como “bares gays” ou “bares LGBT” por uma parcela do seu público ser composto por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros. Para isso é analisado os bares de Vitória-ES frequentados por homossexuais nas décadas de 1970 e 1980, por nesse período existir um contexto político autoritário e munido de concepções conservadoras. Esse diagnóstico parte do entendimento de que ser homossexual frequentador de uma vida pública em um contexto de controle político e social torna-se um ato de resistência e afirmação de uma identidade. É utilizado como fonte um roteiro turístico publicado no jornal *Lampião da Esquina* e uma entrevista feita com o capixaba Frederico Morothin. O roteiro turístico publicado no *Lampião da Esquina*, com todas suas limitações, se confrontado a entrevista dada pelo capixaba Frederico Morothin, permite compreender que no início dos anos de 1980 a visão de “bar gay” nos bares de Vitória estava associada aos bares frequentados por expressões de homossexualidade desviantes dos padrões e gênero e sexualidade. A partir disso existem

¹ Licenciando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador discente em História do Espírito Santo discutindo temas como ditadura e homossexualidades. E-mail: randas.aguiar@live.com

indícios que essa visão ganha o imaginário social no contexto da ditadura, pois a homossexualidade estava marcada por diversos estigmas.

Palavras-chave: Homossexualidades; Vitória; Bares; Resistência; 1970-80;

Abstract: This work is part of the issue of how some socialization spaces are categorized as "gay bars" or "LGBT bars" for a portion of your audience consist of lesbians, gays, bisexuals, transvestites and transgender people. For this is parsed the Vitória-ES bars frequented by homosexuals in the 1970 and 1980, during this period there is an authoritarian political context with conservative views. This diagnosis part of understanding that being homosexual frequenter of a public life in a context of political and social control becomes an act of resistance and affirmation of an identity. Is used as a source a Michelin guidebook published in the newspaper Light of Corner and an interview with the capixaba Frederick Morothin. The Michelin guidebook published in the Lantern of the Corner, with all its limitations, confronted the interview given by the capixaba Frederick Morothin, allows to understand that at the beginning of 1980 the vision of "gay bar" in the bars of Victory was linked to bars frequented by expressions of homosexuality deviant patterns and gender and sexuality. From that there is evidence that this vision wins the social imaginary in the context of dictatorship, because homosexuality was marked by several stigmas.

Keywords: Homosexuality; Vitória; Bars; Resistance; 1970-80;

Resumén: Este trabajo es parte de la cuestión de cómo algunos espacios de socialización se categorizan como "bares gays" o "Bares LGBT" para una parte de su audiencia consisten de lesbianas, gays, bisexuales, travestis y transexuales. Para esto se analiza las barras de Vitória-ES frecuentadas por los homosexuales en la década de 1970 y 1980, durante este período que hay un contexto político autoritario con puntos de vista conservadores. Esta parte del diagnóstico de entender que ser homosexual frecuentador

de la vida pública en un contexto de control político y social se convierte en un acto de resistencia y afirmación de una identidad. Se utiliza como fuente una guía Michelin publicó en el periódico luz de esquina y una entrevista con la capixaba Frederick Morothin. La guía Michelin publicó en el farol de la esquina, con todas sus limitaciones, se enfrentó a la entrevista concedida por capixaba Frederick Morothin, permite comprender que al principio de 1980, la visión de "gay bar" en los bares de la victoria estaba relacionada con bares frecuentados por expresiones de patrones desviados de la homosexualidad y el género y la sexualidad. Desde hay evidencia que esta visión gana el imaginario social en el contexto de la dictadura, porque la homosexualidad estuvo marcada por varios estigmas.

Palabras chave: Homosexualidad; Vitória; Bares; Resistencia; 1970-80

Introdução

Muito se comenta em rodas de conversas as frases “Ah, fui numa boate LGBT” ou “Fui em um bar LGBT”. Essas frases estão munidas de muitos sentidos e um dos que me chama atenção é como a quantidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis por metro quadrado transforma um ambiente em um espaço LGBT². Como por exemplo no bar *Wow* na Lama³ que é categorizado como “bar LGBT” por uma parcela do seu público pertencer a esse segmento, apesar da sua administração já ter emitido nota informando que é um bar de tod@s e que tod@s são bem vind@s. Ou seja, as propostas desses bares e boates não necessariamente são só para o público LGBT, porém para esse público esses espaços possuem vários sentidos simbólicos que vão desde

² Sigla grafada na I conferência Nacional LGBT em 2008 que significa Lesbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

³ Lama é um conjunto de ruas com bares e lanchonetes em Vitória na frente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

encontrar seus semelhantes até a questão de segurança devido a uma homofobia violenta cada vez mais frequente em ambientes sociais.

Em consonância com a atualidade pretendo discutir como os espaços de sociabilidade das homossexualidades⁴ nos anos 1970 e 1980 em Vitória no Espírito Santo, tornaram-se ambientes de segurança e resistência para esse público. A partir dessa ótica de ocupações de espaços, questiono a presença homossexual em ambientes públicos, pontuando temas que tangem a conjuntura nacional de um regime autoritário munido de concepções e valores conservadores. Utilizo como fonte um roteiro turístico publicado no jornal *Lampião da Esquina*⁵ e uma entrevista⁶ feita com o capixaba Frederico Morothin⁷ para a disciplina de História Oral do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo.

Para modo de entendimento, dividi esse trabalho em três partes, com exceção da introdução e conclusão. No primeiro tópico faço breves colocações sobre a geopolítica da cidade de Vitória nos anos 1970 e 1980, pontuando os bares frequentados por

⁴ Durante o período da ditadura, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros eram vistos como forma homogenia de homossexualidade, devido a essa visão é utilizado o termo “homossexualidades” no plural a modo de não cometer anacronismo de uma percepção de identidade fora do tempo histórico adequado.

⁵ O jornal *Lampião da Esquina* surgiu no final década de 1970, após a proposta de “distenção política”, feito por e direcionado ao público homossexual, tendo chegado a quase todas as bancas do Brasil de Abril de 1978 e até Julho de 1981.

⁶ Nessa entrevista busquei testar teorias e hipóteses que foram feitas em regiões hegemônicas, como os estudos que resultaram no livro *Ditadura e Homossexualidades: Repressão, resistência e a busca pela Verdade* organizado pelo Renan Quinalha e James Naylor Green, que abordam um eixo regional que englobam os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No qual dediquei questões a eixos temáticos como: 1) relação esquerda e homossexualidades 2) associação de travestis a criminalidade e prostituição 3) questão da AIDS 4) locais frequentados por um público homossexual em Vitória.

⁷ Frederico Morothin é um nome fictício criado para preservar a identidade do entrevistado devido a solicitação de anonimato.

homossexuais nesse período. Na segunda parte procuro abordar quais eram os estigmas que permeavam a vida de homossexuais no Brasil e como a Ditadura Militar lidou com as sexualidades dissidentes em outros estados. Para assim, no terceiro e último tópico abordar a frequência homossexual em bares de Vitória enquanto resistência, utilizando como pano de fundo as relações públicas e privadas das homossexualidades em tempos controle político/social.

Homossexualidades em Vitória nos anos 1970 e 1980

Vitória é a capital do estado do Espírito Santo e uma das cidades da Região Metropolitana da Grande Vitória⁸ (RMGV). Por Vitória ser uma cidade-ilha, com um espaço geográfico pequeno, as relações político-culturais que abordo estão diretamente ligadas com as cidades que fazem parte da RMGV.

Nos anos 1970 e 1980 a capital passava por um grande processo de desenvolvimento urbano, que a partir de uma parceria entre o Governo Estadual de Christiano Dias Lopes (1967-1971) e o Governo Federal foram lançados o que ficou conhecido como os Grandes Projetos, no qual pretendia-se utilizar a industrialização como saída econômica para a crise que o estado enfrentava. Esses projetos deram origem a Companhia Siderúrgica de Turbarão (CST) e a expansão da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), além de projetos portuários, turísticos, siderúrgicos e outros. Esse processo de desenvolvimento urbano esteve atrelado ao êxodo rural que ocorreu no Espírito Santo na década de 1960, devido a erradicação dos cafezais, uma política do Governo Federal para o setor cafeeiro.

⁸ Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) ou popularmente conhecida como “Grande Vix” engloba as cidades de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e a capital do Espírito Santo, Vitória.

A erradicação dos cafezais junto ao projeto de industrialização fez com que a capital do Espírito Santo se tornasse destino de um fluxo migratório que via na cidade uma perspectiva de um futuro próspero. Nesse contexto de urbanização de Vitória houve um movimento em que as pessoas de classe baixa passam a ocupar a ala oeste da cidade na região de São Pedro⁹, composta por manguezais e morros, enquanto a elite econômica e política passa a migrar para a beira-mar, região que hoje acopla os bairros nobres da Enseada do Suá e Praia do Canto, e a classe média-Universitária no bairro de Jardim da Penha e Praia de Camburi.

⁹ Para maior entendimento sobre esse processo de ocupação e de urbanização assistir o documentário *Lugar de Toda Pobreza* dirigido por Amylton de Almeida e Henrique Gobbi, levada ao ar em 1983 pela Rede Gazeta, emissora capixaba filiada à Rede Globo.

Apesar desse processo de migração da classe média ainda no final dos anos 1980, o Centro de Vitória continuava sendo o polo político-cultural-econômico da capital. O Centro possui casas, lojas, monumentos e construções do período colonial e imperial, como por exemplo, o Teatro Carlos Gomes, a Praça Costa Pereira, o Parque Moscoso, Igrejas franciscanas, jesuíticas, junto as primeiras faculdades do Espírito Santo. Por esse motivo ganhou uma simbologia de Centro Cultural da capital.

É nesse aspecto cultural que o Centro de Vitória se torna um dos principais palcos de sociabilização de gays, lésbicas e travestis nos anos 1970 e 1980 no Espírito Santo. Não só no Centro de Vitória, mas também nas cidades vizinhas houveram espaços com frequência de um público "gay", tornando-se "reduto" das homossexualidades capixabas. O capixaba Amylton de Almeida foi colaborador em quase todas edições do

*Lampião da Esquina*¹⁰ e publicou, na edição 24¹¹ em maio de 1980, um roteiro turístico (FIGURA 1) destinado a homossexuais que viessem a cidade de Vitória. No roteiro são presentes nomes de bares, boates, saunas e locais de "pegação", pontuando cada "tipo" de público cada bar recebia, além de dicas de como chegar em um "guei" capixaba.

Nesse roteiro Amylton afirma que o *Britz Bar*, fundado pela "esquerda acossada", em 1969 próximo à Praça Costa Pereira foi tomado pelo público do "movimento guei



Fig. 1 Lampião da Esquina, Edição 24, Maio de 1980, p. 10

¹⁰ Lampião da Esquina (nº 1, Dezembro de 1979, p. 2)

¹¹ Lampião da Esquina (n 24, Maio de 1980, p. 10)

discreto” que ia lá mais pelo “que ele representa como ponto folclórico da cidade”. O *Britz bar* abria durante a tarde e só fechava no outro dia de manhã então “os que usavam barba-e-bigode e os que dispensavam a indumentária se olham sem resultados práticos”¹². A Praça Costa Pereira que ficava próximo ao Britz era palco de michetagem¹³ e de “gueis loucas”. Entre o Britz e a Praça Costa Pereira tem a Rua Sete de Setembro que poderia ser muito aproveitada, pela quantidade de bares. Ainda no Centro de Vitória o bar *Marita's* na rua Nestor Gomes tinha roda de samba e oferecia muita animação por parte do dono. O bar *Tricolor* na Avenida Jeronimo Monteiro - principal avenida de Vitória na época - tinha a presença de michês e era destinado para quem faz a linha “lixo”, em suma, bar sujo com *juke-box*. Também existia uma segunda opção nessa mesma proposta do *Tricolor* que era o bar *Sniff* na Praia do Suá. O bar *Santos* com uma pegada tradicional em mesas de mármore, localizado no bairro Vila Rubim, era destinado a um público mais discreto com conversas mais íntimas. O *Panela de Barro*, no bairro Maruípe era ponto de quem gostava de ver militar, pois ficava perto do quartel da Polícia Militar.

Na cidade de Vila Velha, no bairro Praia da Costa, o bar *Vila Praia* tinha uma pegada mais séria por estar em um bairro de classe média, em contrapartida no Centro da mesma cidade, no bar *Vila* era presente “michetagem suburbana”. No bairro da Glória em Vila Velha, o *Che-guei* que teve seu nome trocado para *Cinderela* a pedido de frequentadores “enrustidos” era um bar para o público gay. No bairro São Torquato o *Bar-Sem-Porta* e o *Garrucha 44* foram antagônicos. O primeiro era para quem fazia a linha “pega para capar” e o segundo era frequentado por moças e oferecia muita cerveja e espaço para elas. Em Cariacica, no bairro Campo Grande, a discoteca *Aquarius* fazia

¹² Lampião da Esquina (n 24, Maio de 1980, p. 10)

¹³ Michetagem suburbana será compreendida aqui como a pratica de prostituição em locais de subcultura dentro das cidades. Quem pratica a michetagem é o "Michê", pessoa que recebe valores em troca de serviços sexuais.

a noite, que apesar de um “bairro pobre” era o berço de bares, devido ao seu calçadão e muitas cadeiras quem fosse poderia fazer a linha “fumando espero”.

Também existiram outros bares em Vitória com frequência de público homossexual. Quem conta isso é o Frederico Morothin¹⁴ (2017) que lembra da existência do bar *Vitorinha*, na rua Gama da Rosa, próximo a atual Lanchonete Bimbo, no qual se tornara “um reduto gay”. O bar *Marrocos*, na rua Duque de Caxias, próximo a Catedral, foi o criador do bordão local “Ah, eu fui para os Marrocos”. E por fim existiu um barzinho na praça Costa Pereira [não sabe o nome] que era mais “barra pesada”, frequentado por uma “marginalidade” como gays mais “ousados ou travestis”.

No roteiro turístico informa sobre os jogos de olhares que eram comuns como por exemplo passar em frente ao ponto de ônibus e “Você olha. Se olhar também, dá certo”¹⁵ mas ele atenta que é preciso ter “savoir-faire”, quer isto dizer, ser maleável e inteligente. Caso quem quisesse algo mais direto os *points* eram as saunas e que no bairro nobre Ilha do Boi a sauna do *Hotel Senac* era destinado àqueles que queriam algo

¹⁴ **Perfil do Entrevistado:** O entrevistado Frederico Morothin é capixaba, nascido em Alegre em 1957. Filho de pais comerciantes, classe média, teve acesso a todos os níveis da educação. Veio morar em Vitória em 1972, no qual começou os estudos no Colégio Estadual, no Forte de São João. Desde criança Frederico teve interesse por artes e na juventude chegou a iniciar o curso superior em Comunicação, porém mudou para o curso de Artes Plásticas. Nesse sentido, toda sua análise de mundo foi mediada por uma visão artística, algo perceptível o viés de repostas para as perguntas feitas na entrevista. Sua visão artística não tinha perspectiva política, sendo a política presente nas questões gerais, como forma de governo, economia e direitos sociais. A sexualidade de Frederico foi reprimida desde a infância por parte da família e ele manteve uma sexualidade “discreta” durante toda a vida, no qual não procurou estabelecer “caixas de sexualidade” (MOROTHIN, 2017). Durante a vida adulta observou de fora as dinâmicas das homossexualidades presentes na Grande Vitória. Conhecendo, mesmo que de longe, desde intelectuais até militantes políticos. Entretanto manteve um distanciamento de ambientes mais fechados que acomodavam a vida social de gays, lésbicas e travestis nas décadas de 1970 e 1980.

¹⁵ Lampião da Esquina (n 24, Maio de 1980, p. 10)

com um estrangeiro de “olhos verdes”, mas se quisesse algo mais tradicional, como em todas as saunas do país, a sauna *Fleur*, na Rua Coronel Monjardim era o local.

Essa ocupação de espaços por parte das homossexualidades do Espírito Santo nos anos 1970 e 1980 foi marcada por um clima de medo e repressão por conta do regime militar, então para se pensar esses locais de sociabilização e as relações de vida pública/privada é preciso entender os estigmas presentes na vida de gays, lésbicas e travestis nesse contexto histórico.

Estigmas, repressão e controle

As décadas de 1970 e 1980 foram repletas de altos e baixos políticos devido ao Golpe Militar de 1964 e a Redemocratização. Sendo marcado pelos Anos de Chumbo (1969-1974) – contexto de maior repressão política e controle social – até a Abertura Política (1974-1985) – momento de maior efervescência política, crise financeiras e manifestações pela volta de eleições para presidente. É é nesse contexto de abertura política que surgiram os primeiros movimentos de homossexuais com propostas políticas e de afirmação de uma identidade sexual em vários estados no Brasil (MACRAE, 1990).

Stuart Hall (2002, p. 84) afirma que há um movimento de “fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades”, sendo em um contexto de globalização que as identidades estão cada vez mais híbridas e relativas. Esse processo de fortalecimento e produção de novas identidades não é amistoso, pois os grupos dominantes passam a reagir a ele. Nesse sentido quando esses grupos de gays, lésbicas e travestis surgem com propostas de afirmação de uma identidade e com propostas políticas, os grupos dominantes com propostas conservadoras passam a dar ainda mais atenção as pessoas que fugiam de uma sexualidade paradigmática.

Com o Golpe de 1964 iniciou um período de grande violação dos direitos humanos, que não só reprimiu as manifestações ligadas à esquerda e à democracia, mas também voltou suas políticas de repressão e controle a pequenos grupos específicos, como no caso dos homossexuais. James Naylor Green e Renan Honório Quinalha (2015, p. 20) afirmam que o período da ditadura militar “consegue demonstrar como a homossexualidade constituía, segundo a própria visão oficial, uma ameaça subversiva ao regime autoritário”, tornando assim gays, lésbicas e travestis alvos do sistema de repressão e controle. Pois, como afirma Carlos Fico (2015, p. 15) a ditadura “forneceu aos moralistas e conservadores, que então no poder, os meios para agirem”, em outras palavras, devido ao grande apoio de largas esferas da sociedade não se restringia apenas ao meio militar, a ditadura incorporou falas e preconceitos moralizantes resultou numa tentativa de controle das sexualidades dissidentes. Vale ressaltar que o regime militar não inaugurou os pensamentos sobre gays, lésbicas e travestis que os ligou à ilegalidade, subversão e à depravação psíquica entre outros, mas propôs ressignificar esses pensamentos e colocá-los em prática por dispositivos como leis e decretos, a partir de um aparato institucional construído para repressão política. É preciso entender que não houve no Brasil ditatorial como na Alemanha nazista, uma política específica de perseguição aos homossexuais, entretanto ocorreram várias políticas nos âmbitos estaduais e municipais de coerções dirigidas a esse grupo. Luiz Morando destaca

Uma parcela de número de portarias de âmbito municipal ou leis de abrangência estadual utilizadas para embasar a repressão a gays e travestis foi decalcada de normas similares em outros estados (MORANDO, 2015, p. 54).

Essas portarias e leis eram presentes em cidades como Rio de Janeiro, que, em 1950, tornou-se palco de festas e shows de travestis, mas, com o golpe de 64, outras cidades e estados passaram a aderir a esse tipo de legislação de modo de guardar a “moral e os bons costumes”. O Diário de Minas em 3 de janeiro de 1965 noticiou que a Divisão de Divertimentos Públicos de São Paulo baixou uma portaria que estipulou

que “as exposições de nu artístico, strip-tease e travestis só poderão ser feitas em teatro, sob severa fiscalização ‘em que se resguarde o decoro público e o respeito a sociedade” (MORANDO, 2015, p. 54). Alguns dias depois em Belo Horizonte a

Polícia adverte homem de batom

Os invertidos que saírem à rua usando batom, roupas justas e derem escândalos serão presos, a partir de hoje, pelos investigadores da Delegacia de Costumes, por ordem do Sr. Francisco de Assis Gouveia, que tem um plano de moralização da cidade.

Os pontos mais visados pela polícia são a Rua Espírito Santo, Rua Rio de Janeiro, Praça Raul Soares e um trecho da Av. Afonso Pena. O Delegado Francisco de Assis Gouveia disse que a medida será tomada para atender as queixas que todos os dias chegam a seu conhecimento.

Acrescentou que as prisões serão cumpridas no depósito de Lagoinha e que, se o caso for mais grave, um invertido ficará na Penitenciária de Neves, depois de processado pela Delegacia de Costumes. A calça justa, o batom e o pó de arroz, a partir de hoje, segundo o Delegado Francisco de Assis Gouveia, “é proibido terminantemente, para os invertidos, que, se persistirem no abuso, serão presos pelos investigadores” (DIÁRIO DE MINAS *apud* MORANDO, 2015, p. 55).

Essa advertência da Polícia Civil foi alvo de chacota e gozação nacional. Morando (2015, p. 55) destaca que essa advertência deixa duas coisas explícitas, primeiro o monitoramento constante da polícia em alguns centros da cidade e segundo, ao usar o termo “invertido” mostra um discurso de “moralização, sempre justificado pelo mantra da ‘reclamação das pessoas de bem’”. Nesse sentido em muitos casos a desculpa utilizada pela polícia era da reclamação da vizinhança ou das “pessoas de bem”. Em São Paulo nos anos 1970 houve um grande crescimento de boates e saunas voltadas ao público de gays, lésbicas e travestis, o que levou em 1976 a polícia civil a iniciar um

“estudo de criminologia sobre prostituição tanto de michês quanto de travestis em São Paulo” (OCANHA, 2015, p. 150).

Esses casos nas cidades de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro mostram que a o regime autoritário se preocupou com os espaços conquistados pelo público homossexual no qual havia desde fiscalização e até repressão. Essa caça a homossexuais na rua evidencia a visão social que associava as homossexualidades à criminalidade e marginalidade – principalmente no caso dos travestis – que “sempre estiveram ligadas, no imaginário social e na experiência policial, à prostituição e à criminalidade” (MORANDO, 2015, p. 70). Morando (2015) completa que essa associação começou entre as décadas de 1950-1960 devido a uma travesti famosa conhecida como Cintura Fina que foi acusada de cortar com navalha um bancário em uma zona boêmia.

Não apenas nas ruas, mas também entre quatro paredes, os locais de sociabilização de homossexuais como bares e boates foram alvos de fiscalização da polícia política. Em Belo Horizonte

Até o início da década de 1960 não havia um estabelecimento comercial de vida noturna cuja o nome, frequência, ambiente e intenção denotassem o desejo de se destinar exclusivamente a população de gays e travestis (MORANDO, 2015, p. 58).

Entretanto em meados da década de 1960 esse contexto mudou, no qual surgiram locais destinados a sociabilização de homossexuais em Belo Horizonte que resultou ao longo de toda década na criação de uma campanha de hostilização por meio rondas policiais a estes locais. Um exemplo é o Edifício Arcanjo Maletta no cruzamento da Avenida Augusto de Lima com a rua Bahia, no qual dois anos após a inauguração em 1964 já era um espaço com treze bares e três boates e tornou-se “ponto de reunião de rapazes ‘alegres’ da cidade” (DIÁRIO DA TARDE *apud* MORANDO, 2015, p.

57). Em 1967 o Maletta foi palco de outra ronda com objetivo de averiguar a presença de travestis, *trottoir*¹⁶, mulheres e menores e resultou na seguinte reportagem de um jornal local

O que mais impressionou foi o número de homossexuais, sendo que mais de 300 foram identificados pela equipe policial que se limitava-se [sic] apenas para manda-los para fora das galerias do edifício. Houve o caso de um não satisfeito em usar vestimentas femininas ainda se apresentava de brincos (JORNAL DA CIDADE *apud* MORANDO, 2015, p. 57).

Essa reportagem possibilita averiguar algumas visões da mídia e até da sociedade belo-horizontina sobre as homossexualidades. Primeira é o “susto” ao contabilizar – a partir de estereótipos – a quantidade de homossexuais ‘por metro quadrado’. Segundo ponto é o uso do “limitava-se” para falar da ação policial de colocá-los para fora do Edifício Maletta, dando a entender que os policiais deveriam tê-los apreendidos, em que reforça a associação de homossexualidade à criminalidade. Por último o comentário sobre as vestimentas femininas e o uso brincos por um homem, com objetivo de criar na mente do leitor uma imagem e até um preconceito sobre a homossexualidade masculina.

Essas colocações sobre perseguições a travestis, lésbicas e gays nos estados vizinhos ao Espírito Santo, possibilita levantar questões de pesquisa como: Houve perseguições a homossexuais no Espírito Santo? Esses bares listados foram alvos de rondas policiais por causa do seu público frequentador? Como que foi a relação da sociedade capixaba com as homossexualidades? É a partir dessas questões que se precisa

¹⁶ Trottoir é uma palavra francesa que traduzida para o português significa "andar na calçada". Esse termo foi associado ao longo das últimas décadas a prostituição de mulheres e travestis, que buscam clientes nas ruas.

fazer maiores pesquisas em arquivos como nos periódicos locais *A Gazeta* e *A Tribuna* e também nos arquivos da polícia política, como nos registros policiais da Delegacia de Costumes e Diversões do Espírito Santo (DECODI-ES), pois esse órgão em outros estados foi responsável preservar a “moral e os bons costumes”. Entretanto apesar da falta de levantamento de documentação sobre perseguição e controle no Espírito Santo, é possível pensar as relações de uma vida pública e privada dos homossexuais capixabas no clima de medo durante o período autoritário junto aos preconceitos sociais já presentes. Na busca de questionar a diversidade na identidade homossexual e como cada local torna-se visão social destinado a um público.

Ocupar e resistir

Stephen Menne na nota introdutória do livro *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, de Norbert Elias e John L. Scotson, afirma que relações entre heterossexuais e homossexuais podem ser analisadas segundo o modelo teórico de estabelecidos e *outsiders*. Fundamentado nesse modelo teórico “os heterossexuais constituir-se-iam em estabelecidos enquanto que os homossexuais seriam os outsiders” (PINHO, 2010, p. 1), pois os estabelecidos

[...] cerraram fileiras contra os intrusos [os outsiders]. Esnobaram-nos. Excluíram-nos de todos os postos de poder social, fosse na política local, nas associações beneficentes ou em qualquer outra organização local em que sua influência fosse predominante. Acima de tudo, desenvolveram como arma uma “ideologia”, um sistema de atitudes e crenças que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 56).

A partir disso, a ditadura sendo um período de controle social e político, conservadorismo e repressão a tudo que era considerado “subversivo”, vê na homossexualidade a fuga da norma de vários valores, seja no comportamento, nos atos, nas relações, nas ideologias e outros. É a partir disso que os estabelecidos [heterossexuais] procuraram excluir e controlar locais de poder social na qual os homossexuais buscam ocupar. Em um sistema de “atitudes e crenças” houve a associação da homossexualidade a esquerda, pois no campo político para a igreja, os militares e todos os outros apoiadores do golpe, a esquerda é “moralmente inferior” e como a homossexualidade é a “depravação da moral e dos bons costumes”, logo deveria ser combatida. É a partir dessa lógica que a polícia política explica os “rondões”, as batidas e as prisões arbitrárias que aconteceram nas capitais de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e outras.

Pensar os bares *Britz*, *Marrocos*, *Vitorinha*, *Cinderela* e outros no roteiro turístico de Amylton de Almeida, é refletir sobre resistência a partir do momento em que homossexuais frequentam espaços públicos no centro político e econômico da capital de um estado em pleno um regime autoritário. É nesse sentido que podemos ver como a luta pela afirmação não se faz apenas por mecanismos políticos e institucionalizados, mas também no dia-a-dia, nas vivências privadas e coletivas. Colocar esses bares em um roteiro turístico para homossexuais parte da premissa de que em outros locais as diversas expressões das homossexualidades não seriam bem-vindas. E que mesmo em bares frequentados pelos “iguais”, ainda há as diferenças sociais e comportamentais de cada grupo dentro do segmento homossexual que se encaixariam melhor em cada estabelecimento. Essa afirmativa pode ser compreendida nos momentos em que Amylton usa a expressão “fazer a linha”, que em outras palavras procura definir que tipo de homossexual o leitor seria, para melhor se encaixar na proposta do bar, ou no público que o bar recebe. Como por exemplo o *Bar-Sem-Porta* que era destinado para quem “pega para capar”, ou seja, para quem gostava de confusão e problemas, pois era um bar com muita briga e para frequentá-lo tinha que “fazer a linha fortíssima”; Outra

categoria que Amylton coloca era para quem fazia a linha “fumando espero”, que em outras palavras quer dizer que o público presente no bar consumia cigarro enquanto aguarda ou conquista alguém através de olhares; Amylton também estabelece a linha “lixo” que eram os frequentadores de bares sujos em que atração principal era um *juke-box*; E por fim, dentre outras linhas comentados por Amylton, ele coloca a linha “discreta”, usando como exemplo os frequentadores do *Britz* e do *Santos*, que seria os homossexuais não assumidos. Para se pensar essa questão da “discrição” é preciso compreender a regulação que esteve presente na vida de homossexuais no final do século XIX e todo o século XX. Essa regulação da vida de gays e lésbicas pode ser compreendida a partir do conceito de “armário” proposto por Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 19) que o compreende como “dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores”. Essa regulação origina-se

quando a compreensão dominante da esfera da sexualidade tornou-se a de que seria constituída por meio de identidades auto-excludentes: as pessoas seriam heterossexuais, portanto “normais”, ou homossexuais, algo considerado anômalo, motivo de vergonha e, durante décadas, passível de tratamento psiquiátrico ou punição legal (MISKOLCI, 2012, p. 11).

Ou seja, o armário enquanto dispositivo de regulação criou na vida de gays e lésbicas a necessidade de assumir-se homossexual. Esse assumir-se resultou - na vida de gays e lésbicas - a dicotomia entre sair do armário e manter-se no armário, em outras palavras, declarar para o mundo sua sexualidade ou mantê-la em segredo, mantê-la “discreta”. Pensar essa linha “discreta” e pensar uma pessoa homossexual não assumida frequentando bares, que vistos do ângulo de fora, são bares frequentados também pelo público “gay”, traz questões sobre quais são os limites dessa discrição e como a ideia da discrição não está apenas ligada a vida privada do indivíduo.

Como por exemplo o *Britz* bar em que Amylton de Almeida afirma que foi fundado pela esquerda capixaba, porém ocupado pelo “movimento gay discreto”. Frederico (2017) entende esse ar discreto dos frequentadores do *Britz* enquanto estar no “armário” quando afirma que

no Centro da cidade era o Britz Bar, onde todo mundo ia. Quem estava no armário [risos] ia todo mundo ali. Os intelectuais iam. [...] porque era um lugar de todo mundo. Ia desde classe média alta, considerada a alta sociedade de Vitória, até pessoas jovens. Era um "mix" de tudo ali. Não era exclusivamente de [homossexuais]. [...] o Britz era democrático, todo mundo frequentava o Britz. (MOROTHIN, 2017, p. 6)

O Britz é qualificado por Amylton de Almeida e Frederico Morothin como um bar da intelectualidade capixaba, o que torna possível pensar numa classe média-alta universitária. Se analisado enquanto um bar onde não há certa variação das expressões comportamentais entre heterossexuais-homossexuais, surge a indagação em quais outros espaços as expressões de sexualidade não normativas estavam frequentando. É nessa questão, próximo ao Britz, na Praça Costa Pereira existia um bar frequentado por uma “marginalidade”, que pode ser evidenciada na fala de Frederico

Tinha [um] barzinho, ali na Praça Costa Pereira, que era um bar meio barra pesada. Ficava ali, onde é hoje uma loja de artesanato, Artesanato Brasil. Ali eu nem entrava, pois eu achava aquele barzinho muito barra pesada. Mas era um bar que frequentava, vamos supor, a marginalidade. Tipo um travesti, um gay mais ousado, frequentavam lugares mais sórdidos, mais reservados (MOROTHIN, 2017, p. 7).

Frederico não se recorda do nome, porém afirma que o público estava entre travestis e gays mais “ousados”. Nessa afirmativa Frederico evidencia o imaginário social sobre as travestis, apontado por Morando (2015) e destaca a diferença do público, pois enquanto no Britz os homossexuais eram “discretos”, ou seja, que não fugiam ou

transgrediam os padrões de gênero, diferente do público do bar na Praça Costa Pereira em que o público se diferenciava nas vestimentas e no comportamento. A partir disso podemos pensar como um ambiente ganha novos significados quando é ocupado por expressões de sexualidade que fogem de um padrão de gênero e de normas comportamentais de sexualidade. E é por o Britz ser ocupado por homossexuais “discretos” que ganha o aspecto “democrático” e “onde todo mundo ia”, já o bar na Praça Costa Pereira, o *Vitórinha* e o *Marrocos* são caracterizados como “um reduto gay” por lá haver uma diversidade do público homossexual e a formas com que as homossexualidades se apresentam.

Esses locais se formam pela necessidade por parte de homossexuais de darem vazão aos seus desejos e de encontrarem seus semelhantes, havendo desde a construção de espaços as “escondidas” até a ocupação de locais frequentado por outros segmentos. Sandro Silva salienta que os homossexuais de Sergipe “transitavam, entrecruzavam-se e misturavam-se a territórios de outros segmentos sociais como as prostitutas, os *hippies* e os mendigos” (SILVA, 2009, p. 1). Mas vale ressaltar que essas ocupações variam de acordo com o *status* social, uma vez que no caso do centro de Vitória com todo seu arcabouço cultural foi ponto de encontro de diversos segmentos (escritores, entendidos, universitários, políticos, hippies, intelectuais progressistas, esquerda festiva e outros) e logo as identidades “gay” em construção possibilitaram o surgimento de locais para cada segmento com códigos comportamentais próprios.

O *Britz* foi palco da emergente figura do “gay” em contraposição a figura do homossexual que estava marginalizado por discursos religiosos, medico legais e moralizantes, dado que

ao lado de territórios chamados de decadentes, clandestinos e perigosos, espaços onde travestis e prostitutas exerciam os seus ofícios, emergem ambientes sofisticados em conformidade com a construção da figura do gay, pautada em determinados símbolos que pretendiam conferir positividade às

condutas afetivo-sexuais entre homens, ainda muito discriminadas pela sociedade (SILVA, 2009, p. 3).

As homossexualidades restavam a privação romances e desejo, enquanto a normativa heterossexualidade possuía sua liberdade de flerte, romances e sexuais em uma vida pública. A partir disso houve um processo de ocupação e criação de espaços por parte da emergente figura do homossexual. Luiz Morando (2015) afirma que “desde a década de 1950 o Rio de Janeiro se tornou palco de diversos shows e festas de travestis no período do carnaval e em outras épocas do ano”. Esses espaços tornam-se locais de liberdade, mas ao mesmo tempo locais de privação das sexualidades destoantes da norma heterossexual, por só existir liberdade de expressão das homossexualidades em locais determinados.

Os anos 1950 e 1960 no Brasil surgem locais de sociabilização pública para homossexualidades e esse período foi marcado pela transição de uma conjuntura de “liberdade” para um contexto de recrudescimento do controle social e político. Sendo assim houve uma ruptura na relação das homossexualidades com esses locais públicos. Por causa dessa ruptura os anos 1970 e 1980 tornam-se um período de consolidação da existência de espaços destinados a homossexuais, pois nesse contexto houve controle e repressão por parte do Estado Militar aos locais frequentados por homossexuais. A homossexualidade era associada ao comunismo, no qual o regime militar a entendia como ameaça a segurança pública (COWAN, 2015), além de outros estigmas como os presentes no discurso médico legal e religioso. Todos esses estigmas e os controles fez com que homossexuais passassem a ocupar espaços frequentados por heterossexuais e na procura de afirmação da nova identidade “gay” em contraposição a visão estigmatizada do “homossexual”. Foi nesse contexto dos anos 1970 e 1980 que surgiram os movimentos homossexuais organizados com propostas de afirmação dessa identidade. Por esse processo de afirmação, os locais ocupados pelas homossexualidades começam a ganhar outros significados. Esses significados estavam tanto atrelados a presença de homossexuais, quanto às visões sociais sobre a homossexualidade. Com o

fim da ditadura, surgem novos espaços ocupados e direcionados as homossexualidades. A partir disso esses espaços passam a ser categorizados com os mesmos estigmas que permeavam homossexuais. É nesse contexto que começa a surgir nos imaginários coletivos a ideia de “bar gay” e “bar LGBT”.

Conclusão

O roteiro turístico publicado no Lampion da Esquina, com todas suas limitações, se confrontado a entrevista dada pelo capixaba Frederico Morothin, nos permite compreender que ainda no início dos anos de 1980 a visão de “bar gay” nos bares de Vitória estava associada aos bares frequentados por expressões de homossexualidade desviantes dos padrões e gênero e sexualidade. A partir disso existem indícios que essa visão ganha o imaginário social no contexto da ditadura, pois a homossexualidade estava marcada por diversos estigmas. Esses estigmas, junto aos preconceitos, a visão médico legal, resultou em muitos espaços em perseguição e controle dos locais de sociabilização de gays, lésbicas e travestis. Por esse motivo o ato de frequentar esses ambientes públicos dentro de um contexto autoritário torna-se resistência, pois houve uma conquista espaços para as futuras gerações. Esse processo de consolidação foi marcado pela construção da ideia de que espaços frequentados por expressões de homossexualidade destoantes de padrões de gênero e sexualidades tornam-se “espaços gays”.

Vale ressaltar que Vitória nos anos 1970 e 1980 não foi o “paraíso homossexual” onde gays, lésbicas e travestis não sofriam controle e repressão policial. Esse tema não foi tratado aqui com acontecimentos locais por ainda não existir levantamento e pesquisa sobre repressão da ditadura as homossexualidades no Espírito Santo. Mas foi possível a partir das pesquisas feitas em estados vizinhos, entender os estigmas e preconceitos presentes no recorte temporal e que o clima de medo que circulava nesse período. E Amylton de Almeida foi uma das figuras centrais no Espírito Santo para

compreender essa circulação de informações, dado que esteve presente e participando da construção do movimento homossexual brasileiro e transmitindo essas informações para seu círculo de amizade.

Referências

- COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 27-52.
- DA SILVA, Sandro José. Cinemas, bares e boates: a construção do gay e de novas sociabilidades entre homens que desejam outros homens no Recife dos anos 70. In: **Anpuh – XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009, p. 1-9. Disponível em: < <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0530.pdf>>. Acesso em: 15 Ago 2017.
- ELIAS, Norbert, SCOTSON, Jonh L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FICO, Carlos. Prefácio. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 13-16.
- GREEN, James Naylor. O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 177-200.

- HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.): tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.
- JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA. n 0-37, 1978 a 1981. Rio de Janeiro, **Esquina Editora**.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990, p. 321.
- MISKOLCI, Richard. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. PELÚCIO, L. et. alli. **Sexualidade, Gênero e Mídia–Olhares Plurais para o Cotidiano**. Marília, Cultura Acadêmica, p. 35-52, 2012.
- MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 53-82.
- MOROTHIN, Frederico. **Frederico Morothin: entrevista** [jun. 2017]. Entrevistador: Randas Gabriel Aguiar Freitas. Vitória: UFES, 2017. Entrevista concedida a disciplina de História Oral do Departamento de História-UFES.
- OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 149-176.
- PINHO, Fernando Augusto Souza. Experimentando a(s) diferença(s): um exercício etnográfico sobre lugares gays.. In: **XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, 2010.

QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 149-176.

QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. Introdução. In: QUINALHA, Renan Honório; GREEN, James Naylor. (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 17-26.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemology of the Closet. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

SIMONETTI, Maria Grijó; ALVES, Gabriela Santos. O Desenvolvimento Urbano de Vitória nos anos 70 e 80 e o documentário Lugar de Toda Pobreza (1983). In: **Encontro Regional Sudeste de História da Mídia**, 2014, Rio de Janeiro. Anais do 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 2014.